

## CEM ANOS DEPOIS DA REVOLUÇÃO RUSSA: A INFLUÊNCIA DO PODER NA PRODUÇÃO INTELECTUAL DE V. I. PROPP

Patricia Veronica Moreira <sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho propõe analisar a partir de conceitos foucaultianos e pela perspectiva da Análise do Discurso, como uma sociedade soberana e de controle, neste caso, a Rússia no início do século XX, cujo poder estava centralizado nas mãos de um indivíduo (Lênin e depois Stálin), utilizou vários dispositivos para manter a ordem e os sujeitos dóceis. Nessa rede, em que o poder é visível e ao mesmo tempo invisível, busca-se discutir como os sujeitos que resistiram foram punidos pelo Estado. Portanto, utilizamos como cópula uma carta escrita pelo autor V. I. Propp, que renunciou suas obras publicadas até aquele momento, *Morfologia do Conto Maravilhoso* [1928] e *Raízes do Conto Maravilhoso* [1946], para se defender de acusações perigosas lançadas pela superintendência.

**PALAVRAS-CHAVE:** M. Foucault; Análise do Discurso; Poder; V. I. Propp.

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze from Foucauldian concepts and through the Discourse Analysis perspective, how a sovereign and control society, in this case, Russia in the beginning of the 20<sup>th</sup> century, whose power was centralized in the hands of a single man (Lênin and after Stálin), used several devices to keep the order and the docile bodies. In this network, in which the power is both visible and invisible, we seek to discuss how the subjects who resisted were punished by the State. Therefore, we use as corpus a letter written by the author V. I. Propp, who abdicated his own works published until that moment, *Morfologia do Conto Maravilhoso* [1928] and *Raízes do Conto Maravilhoso* [1946], in order to defend himself from dangerous accusations issued by the superintendence.

**KEYWORDS:** M. Foucault; Discourse Analysis; Power; V. I. Propp.

### Introdução

Após cem anos da Revolução Russa e dos anos sangrentos e difíceis que se seguiram, trazemos um de seus sobreviventes: o autor russo Vladimir Iakovlevich Propp. Em 1948, Propp escreveu uma carta pública para se mostrar arrependido do trabalho publicado em 1946: *Raízes históricas do conto maravilhoso* (Doravante *Raízes*), que teria sido alvo dos julgamentos da *Literaturnaya Gazeta*, a principal superintendente política de literatura soviética, cuja campanha contra os considerados “cosmopolitas sem raízes” colocou um alvo certo nas costas de V. I. Propp. O inimigo, “os cosmopolitas sem raízes”, era identificado com os estudiosos judeus em adição com todos culpados de bajulação ao ocidente, cujo lema se tornaria mais tarde *a prioridade russa*. As *Raízes* (1946) foi vista como um flagrante de bajulação, já que possuía um aparato bibliográfico estrangeiro. Nem o fato de que os principais textos eram

---

<sup>1</sup> Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente, é Doutoranda (bolsista CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. E-mail: moreira.patricia.letas@gmail.com

russos ou as manifestações marxistas da obra salvaram Propp da condenação e da humilhação pública.

Por esse motivo, recorremos aos conceitos foucaultianos para mostrar como o poder pode vir a influenciar na produção intelectual de uma determinada cultura. Tendo em vista a Rússia do século XX, engendrada no mundo como uma sociedade soberana e de controle, esta tinha o poder centralizado nas mãos de um indivíduo, Lênin e depois Stálin. Nessa época, vários dispositivos eram utilizados para manter a ordem, com o intuito de manter os sujeitos dóceis, e, conseqüentemente, manter quem estava no poder. Tivemos aqueles que resistiram e foram punidos pelo Estado, e aqueles que se curvaram e tiveram uma segunda chance (V. I. Propp).

Propomos ainda, seguir o viés da Análise do Discurso como metodologia, visto que as contribuições dos trabalhos de Foucault para essa disciplina representam uma guinada nos estudos do discurso (PANIAGO, 2005). Portanto, utilizamos as seguintes obras foucaultianas como fonte para análise da carta de Propp: *Vigiar e Punir* (1987), *A ordem do discurso* (1996), *Segurança, Território, População* (2008), *O Governo de Si e dos Outros* (2010) e outros autores, como Revel (2005) e Paniago (2005), para abordarmos os seguintes conceitos: panoptismo; a confissão; a renúncia; os mecanismos do poder; a resistência ao poder e as práticas discursivas.

Buscamos entender como o poder estatal faz uso de meios punitivos frente à resistência e como as práticas discursivas e o poder, em suas formas variadas, se relacionam. Conseqüentemente, são relevantes para este trabalho tanto os discursos do estado soviético quanto do acadêmico V. I. Propp. Além disso, procuramos recuperar os discursos que o motivaram a escrever sua carta-resposta. Finalmente, a partir do tema biopoder, buscamos resgatar os mecanismos de poder sobre a população, como os sujeitos se encontram imersos nas redes do poder, e como dizer a verdade ou ter a “coragem da verdade” vira um jogo que nem todos querem participar, mas são coagidos a participarem. Assim, a confissão e a renúncia, tornam-se também dispositivos desse jogo e são ferramentas utilizadas em prol de uma sociedade “soberana-controle”, de uma sociedade panóptica, onde tudo se vê e tudo se controla.

### **A renúncia de Propp pelo viés dos conceitos foucaultianos e a contextualização histórica**

Em *Vigiar e Punir*, de Foucault (1987), é possível entender como o poder estatal usa meios punitivos para controlar os sujeitos. Dessa forma, destacam-se a maneira pela qual um

crime deve ser punido e em qual medida. Para entender esses aspectos, o exemplo retirado da obra de Foucault aborda um crime hediondo que viola todas as leis mais respeitadas:

Um crime como esse deveria ser punido? De acordo com que medida? Que utilidade poderia ter seu castigo na economia do poder de punir? Seria útil na medida em que poderia reparar o “mal feito à sociedade”. Ora se deixarmos de lado o dano propriamente material — que embora irreparável como num assassinato é de pouca extensão na escala de uma sociedade inteira — o prejuízo que um crime traz ao corpo social é a desordem que introduz nele: o escândalo que suscita, o exemplo que dá, a incitação a recomeçar se não é punido, a possibilidade de generalização que traz consigo. Para ser útil, o castigo deve ter como objetivo as consequências do crime, entendidas como a série de desordens que este é capaz de abrir (FOUCAULT, 1987, p.78).

Quando Foucault fala em desordem no corpo social introduzida pelo crime, pensemos na sociedade Russa em que se buscava a reativação de toda uma tradição, que estava à procura de caminhos alternativos aos padrões ocidentais no sentido da construção de outra modernidade. A Rússia ainda no século XX era uma sociedade cujo poder estava nas mãos de um homem, e como Foucault destaca, “quanto mais o homem é detentor de poder ou de privilégio, tanto mais é marcado como indivíduo, por rituais, discursos, ou representações plásticas” (FOUCAULT, 1987, p. 160). Ora, esse era o papel em que atuaram Lênin e posteriormente Stálin, o último sendo considerado como um ditador *mãos de ferro*.

Ao pensarmos o contexto histórico da carta (1948), a Rússia estava em ruínas. Nos anos de 1921-1922, a população foi assolada por uma grande fome que somada as epidemias matou cerca de cinco milhões de pessoas. Segundo Reis Filho, “as revoltas, as greves, a insurreição revolucionária de Kronstadt configuravam um quadro de descontentamento generalizado. A utopia do comunismo de guerra e da militarização do trabalho tornou-se inviável” (REIS FILHO, 2003, p.77). Consequentemente, o processo para matar a fome do povo ficou conhecido como: a Nova política econômica (NEP). Devido aos problemas enraizados na Rússia, as medidas tomadas como emergenciais tiveram, na verdade, um efeito contrário e só pioraram o quadro do país. Além disso, Stálin já começava a conduzir o povo com um ar de militância. Nos anos 30, a União Soviética se transformou radicalmente, fundando um modelo que marcaria o socialismo no século XX.

Com efeito, os saltos tecnológicos e o crescimento da produção se desencadearam no contexto de uma economia de comando, mobilizada e estatizada. Uma revolução pelo alto. O processo tomou duas direções, a coletivização do campo e a industrialização acelerada, apoiada no desenvolvimento de máquinas e equipamentos pesados, transportes e energia, produção de

armamentos e extração mineral (REIS FILHO, 2003).

Segundo Reis Filhos (2003), a resistência dos *mujiks* foi voraz, os camponeses se recusavam a trabalhar. Eles matavam os animais, destruíam as lavouras, furtavam, matavam chefes administrativos. As lideranças rebeldes eram fuziladas ou deportadas. A tensão naquele país era impossível de ser controlada, devido aos planos quinquenais que estavam centrados na revolução da Rússia pelo alto. Podemos observar nesses trechos, as implicações das relações de poder e os efeitos por elas gerados. Visto que em Foucault (1987), as relações geram resistência e essa pode ocasionar, como no quadro descrito, a punição na forma de fuzilamento e o exílio.

As artes e a cultura geral também tiveram abertura parcial durante a NEP, que possibilitou certo pluralismo de escolas, mas foram substituídas por associações nacionais de intelectuais e artistas rigidamente centralizadas e regidas por uma nova doutrina: o *realismo socialista*. Esse movimento, nas décadas de 1930 e 1960, foi o estilo artístico oficial da URSS. Para Foucault (1987), o poder nem sempre é negativo, o poder também produz o saber. Segundo Reis Filho (2003), era preciso criar heróis positivos. Os que se opunham, quando não cometiam suicídio (Maiakóvsk), seriam presos, deportados, fuzilados. Esse é o “espírito de época” em que a produção proppiana surgiu, uma época ofuscada e delineada nos moldes cruéis do socialismo russo.

Nesse contexto, podemos dizer que era crime, segundo o conceito de Foucault (1987), se opor ao que estava estabelecido por Stálin nas produções acadêmicas, nesse movimento de construção identitária de uma Rússia para os russos, tudo aquilo que destoava do modelo, ou que fazia menções ao ocidente era considerado como um cosmopolitismo sem raízes.

A obra *Raízes* foi considerada como uma ofensa ao folclore russo por utilizar em seu corpus teórico exemplos retirados da mitologia Greco-romana. De tal forma que, segundo as ideias de Foucault (1987), todo ato considerado como “crime” deve ser punido para manter o controle do corpo social. Logo, estamos diante de um criminoso: Vladimir Propp. Esse título fica “escancarado” quando em 1947, *Literaturnaya gazeta* publicou uma amarga invectiva contra as *Raízes* (LIBERMAN, 1984).

Propp teria dissociado a gênese do folclore de sua história e abraçado o idealismo e o formalismo. Segundo Liberman (1984), Dement’ev deu um pronunciamento chave sobre Propp, “o conto russo foi sangrado Branco e roubado de sua alma pelo professor Propp, sem contar o fato que sob sua caneta o conto de fadas perdeu suas características históricas e de classe porque ele reduziu todas as suas imagens e motivos a pré-história” (DEMENT’EV apud LIBERMAN,

1984, p. xiv, tradução nossa)<sup>2</sup>. Todas essas críticas e outras nos fazem perceber que estamos diante de um criminoso, e, segundo Foucault, no que diz respeito ao sujeito criminoso:

De um lado, o criminoso designado como inimigo de todos, que têm interesse em perseguir, sai do pacto, desqualifica-se como cidadão e surge trazendo em si como que um fragmento selvagem de natureza; aparece como o celerado, o monstro, o louco talvez, o doente e logo o “anormal”. É a esse título que ele se encontrará um dia sob uma objetivação científica, e o “tratamento” que lhe é correlato. De outro lado, a necessidade de medir, de dentro, os efeitos do poder punitivo prescreve táticas de intervenção sobre todos os criminosos, atuais ou eventuais: a organização de um campo de prevenção, o cálculo dos interesses, a entrada em circulação de representações e sinais, a constituição de um horizonte de certeza e verdade, o ajustamento das penas a variáveis cada vez mais sutis, tudo isso leva igualmente a uma objetivação dos crimes e dos criminosos (FOUCAULT, 1987, p. 85).

Temos o crime (sangrar Branco o folclore russo) e o criminoso (o autor Propp), e o dispositivo utilizado para enquadrá-lo como tal perpassa pelo discurso que lhe é dirigido por aqueles que são os responsáveis, os comissários da superintendência da literatura soviética, em manter o corpo social em ordem. É possível observar que o discurso é veiculado no meio midiático, expondo a figura do acadêmico com o possível objetivo de colocá-lo na posição de exemplo. A tática utilizada está clara, a pena é sutil, mas muito eficiente, tanto o é que depois de todas essas críticas o autor escreve uma carta, mostrando arrependimento e “traí” não apenas seu trabalho, mas também o seu mentor Vesselóvski – que mesmo morto foi alvo de críticas ferrenhas.

Para Foucault (1987, p. 87), “A arte de punir deve portanto repousar sobre toda uma tecnologia da representação. A empresa só pode ser bem sucedida se estiver inscrita numa mecânica natural”. A maquinaria russa dirigida por Stálin e seus comissários foi muito bem sucedida nesse caso, pois o aparelho da penalidade age sobre o corpo, que é o meio dos comportamentos que são úteis ou não ao Estado, e ao mesmo tempo é o próprio corpo que recebe a punição. A punição, segundo Foucault (1987), é uma representação que deve se deter em uma manipulação no próprio corpo do indivíduo.

Em *A ordem do discurso* (1996), encontramos como as práticas discursivas e o poder, em suas formas variadas, se relacionam. Neste trabalho, o discurso do acadêmico Propp nos motivou a buscar os discursos que o incitaram a escrever sua carta-resposta. O discurso é o espelho de uma época e compreendê-lo é também entender o processo que possibilita a sua

---

<sup>2</sup> The Russian tale has been bled White and robbed of its soul by professor Propp, let alone the fact that under his pen the fairy tale has lost its historical and class features, because he reduces all its images and motifs to prehistory.

existência em um determinado corpo social. Contudo, é necessário destacar que nenhum discurso é neutro, todos carregam ideologias, uma imagem de mundo, o que inclui as próprias lutas, os que lutam e pelo o que se luta.

Na Rússia do século XX, o discurso vigente era muito claro e saber de onde vinha o poder era mais claro ainda, visto que o poder estava centrado nas mãos de Stálin. Todos aqueles que ousassem resistir ao discurso vigente corriam o risco de pagar com a própria vida. Como constata Foucault (1996, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas da dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

Outro aspecto importante dessa obra é a ideia da “vontade de verdade” que também faz parte da maquinaria do poder, afinal, apoia-se na instituição como dispositivo de distribuição de seus discursos, e “tende” a exercer sobre os outros discursos “uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 1996, p. 18). A exemplificar, as críticas que Propp veemente recebeu e que o expôs de tal forma a compeli-lo a não só re-discursar sua obra, sua posição como sujeito no corpo social, mas também ajudou a distribuir a “vontade de verdade” daquela época. E nesse jogo de vontades de verdade, existe em uma determinada época, o(s) discurso(s) que é/são considerado(s) como o(s) discurso(s) verdadeiro(s), e para Foucault isso significa que:

O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e liberta do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la (FOUCAULT, 1996, p. 20).

No jogo do discurso verdadeiro, da vontade de verdade, há o desejo e o poder. As regras a serem seguidas são provenientes deles. Segundo Paniago (2005, p. 35), “não é preciso ser um estudioso do discurso para que se saiba que não se pode dizer qualquer coisa em qualquer lugar. Em toda sociedade, existem procedimentos de exclusão e de interdição”. A interdição pela qual Propp passou evidencia que o poder e o desejo de uma vontade de verdade que perpassa por sua obra colidiu com a vontade de verdade daquela época, e o seu discurso era interdito e perigoso para manutenção da ordem daquele corpo social. Ainda em Paniago, a autora diz que:

Partindo do pressuposto de que nossa civilização reverencia o discurso, apesar de alimentar por ele uma espécie de temor, Foucault desenvolve a ideia de que foram criados vários sistemas de controle em função dessa *logofobia*, que ele define como, “[...] uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo o que possa haver até de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e

de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso” (PANIAGO, 2005, p. 39).

Em *Segurança, Território, População* (2008) e em *O Governo de Si e dos Outros* (2010), a partir do nascimento do biopoder, buscamos resgatar os mecanismos de poder sobre a população. Primeiramente, para Foucault (2008), o biopoder é um conjunto de mecanismos que se voltam para aquilo que no homem o caracteriza como espécie, e o que em sua biologia o permitirá entrar em uma política, ou seja, em uma estratégia do poder:

[...] o poder não é, justamente, uma substância, um fluido, algo que decorreria disto ou daquilo, mas simplesmente na medida em que se admita que o poder é um conjunto de mecanismos e de procedimentos que têm como papel ou função e tema manter – mesmo que não o consigam – justamente o poder. É um conjunto de procedimentos, e é assim e somente assim que se poderia entender que a análise dos mecanismos de poder dá início a algo como uma teoria do poder. (FOUCAULT, 2008, p. 4).

Levando em consideração essas definições de biopoder e poder, entende-se que as sociedades ocidentais passaram por mudanças nas quais o poder deixa de ser visível, como em uma monarquia, e se torna invisível. Quanto menor sua visibilidade mais eficaz ele se torna. O poder deixa de estar nas mãos de uma pessoa apenas, pois há as relações de poder, e elas agem em todas as direções. Entretanto, a Rússia parece ter sido um país em exceção, primeiramente, porque esteve durante muitos anos fechado em si, basta lembrar-se da *prioridade Russa*, ou dos lemas *Mãe Russa*, Stálin, também tinha o epíteto de “pai”.

Então, ao mesmo tempo em que se via um país com o poder centralizado nas mãos de uma pessoa, em uma sociedade ainda basicamente agrícola, que precisava acompanhar a modernidade, eis que surgia o porquê desde o século XX, eles utilizarem alguns instrumentos ocidentais, ou seja, com o objetivo de modernizarem e acompanharem o mundo, mas com esse único propósito, pois o foco era manter a identidade “puramente” russa.

Mesmo que existam resquícios de uma sociedade feudal nessa Rússia, percebemos que é uma sociedade em transição e que já possui aspectos do panoptismo em evidência. Segundo Foucault (1987, p. 165), o termo *panóptico* vem de Bentham, cujo conceito é uma construção arquitetônica que seria como uma “masmorra invertida” e que possui três objetivos bem claros, ou seja, “trancar, privar e punir”. Assim, em uma sociedade panóptica, não só é possível trancar o sujeito, como também é possível privá-lo e puni-lo, caso seja necessário. E com a constante vigilância, o resultado adquirido é justamente o disciplinamento. Exatamente o que aconteceu

com Propp que ficou privado de fazer estudos comparativistas, foi punido publicamente e “ficou preso” nas imposições da URSS.

A pessoa se adequa ao sistema, pelas penas, pelo adestramento, pois a vigilância de cada época possui uma norma, um padrão a ser seguido. Quando o sujeito não segue a norma, ele é anormal e precisa ser corrigido, ou melhor, punido, através de uma sanção normalizadora. É como se houvesse “o olho do poder”, e a partir desse olho, nós temos a “vigilância hierárquica”, a “sanção normalizadora” e o “exame”, que seriam os mecanismos para manter o corpo na normalização e ao mesmo tempo na normatização.

A Rússia era um país panóptico onde tudo se via e tudo se sabia. E com a noção de biopoder, a punição caía sobre o corpo, o corpo do sujeito para servir de exemplo ao corpo maior, ou seja, a sociedade e também manter o poder. E para manter o controle o que a Rússia fez?

Enquanto a soberania capitaliza um território, colocando o problema maior da sede do governo, enquanto a disciplina arquiteta um espaço e coloca como problema essencial uma distribuição hierárquica e funcional dos elementos, a segurança vai procurar criar um ambiente em função de acontecimentos ou de séries de acontecimentos ou de elementos possíveis, séries que vai ser preciso regularizar num contexto multivalente e transformável (FOUCAULT, 2008, p. 27).

Podemos compreender melhor como as relações de poder levaram Propp a renunciar, a confessar seu “erro”. Em *O Governo de Si e dos Outros*, Foucault faz um interessante estudo sobre a evolução do termo *parresía*, que no aspecto político seria o direito de falar aos outros para guiá-los, e ele aponta como sendo a “*parresía pericliana*”, para a outra *parresía* que terá como característica principal a obrigação de falar de si mesmo, dizer tudo sobre si com o único objetivo de se curar (FOUCAULT, 2010, p. 325). Essa mudança se torna relevante, como o autor mesmo aponta, quando se deseja analisar “as relações entre subjetividade e verdade e as relações entre governo de si e governo dos outros” (FOUCAULT, 2010, p. 325).

A *parresía* é fundamental para argumentar como a subjetividade de um autor russo, em meados do século XX, teve que se submeter às verdades de uma época para sobreviver o caos da mão de ferro de Stálin. E como esse autor, Propp, fez uso do discurso do governo, das verdades desse governo como confissão e renúncia, em jogo de um ato só, para manter-se vivo. Finalmente, a carta que Propp escreveu em 1948:

Eu considero o artigo “Contra o Liberalismo Burguês no Estudo da Literatura” ser o documento mais importante, que determina um estágio decisivo no desenvolvimento de nossa ciência. Não é por acaso que o artigo se preocupa

com Veselovskij. Aleksandr Veselovskij foi o último ídolo destronado da ciência pré-revolucionária burguesa. Esse ídolo, o maior deles todos, e, portanto, o mais perigoso, caiu e caiu irrevogavelmente. Nenhuma tentativa de reabilitação o salvará do veredicto pronunciado pela história. Sem compromissos, sem hesitações de qualquer tipo de nossa avaliação sobre ele, isto é, de toda a ciência que ele representou, pode ser agora entretido... A história de nossa ciência é a história do desenvolvimento de nossa autoconsciência nacional e de classe. Tudo em nossa ciência que conduziu para o forjar dessa consciência e toda nossa cultura moderna social, material e espiritual (algumas vezes em uma luta sangrenta e difícil) é a nossa ciência. Tudo que estava no caminho desse processo é uma ciência estrangeira e inimiga a nós. Nossa moderna ciência (ou seja, principalmente, a folclorística) está atrasada em relação a nossa construção socialista. Eu estou aflito em admitir esse fato, mas eu não posso suavizar a situação. Nós ficamos para trás, porque, entre outras coisas, nós ainda não extirpamos a ciência antiga. A tradição é forte e nos arrasta para baixo. Normalmente, nós não confiamos nos trabalhos de grandes democratas revolucionários, nem nos clássicos Marxista-Leninista-Stalinista da ciência, mas nos estudiosos burgueses. Enquanto eu estava escrevendo e quando eu terminei meu último livro *Raízes Históricas do Conto Maravilhoso*, eu estava felizmente convencido que eu havia criado um genuíno trabalho marxista, porque eu explico o fenômeno espiritual, referindo à base econômico-social. Mas o desapontamento veio logo. Em meu livro falta o elemento principal, isto é, o povo. A questão do povo, sua ideologia e luta não é suficientemente colocada lá, ainda que Belinskji, Dobroljubov, Gorky e Lênin insistissem somente nessa abordagem. Como os mitólogos, eu coloquei o conto de fadas de volta no remoto passado da pré-história. Como a escola Histórica, eu ignorei a mensagem e o organismo artístico do conto de fada e o tratei somente como um documento arqueológico. Eu não me considerei como um comparativista, mas eu interpreto o conto de fada russo à luz criativa da produção de outros povos que estão nos estágios iniciais da cultura humana. Por isso, as imputações de cosmopolitismo perigoso dos meus críticos, que, de fato, eu não posso contrariar. Todas as acusações contra mim por Dement'ev são justas. Há somente uma conclusão: nós deveríamos trabalhar e trabalhar incessantemente. Se nós cortássemos de uma vez por todas os laços com a tradição que nos arrasta, nós criaremos trabalhos relevantes para nossa grande época (PROPP apud LIBERMAN, 1984, p. xiv-xvi, grifos do autor, tradução nossa).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> I consider the article "Against Bourgeois Liberalism in the Study of Literature" to be a most important document, which determines a decisive stage in the development of our science. It is not fortuitous that the article concerns itself with Veselovskij. Aleksandr Veselovskij was the last undethroned idol of bourgeois prerevolutionary science. This idol, the greatest of them all and therefore the most dangerous, has fallen and fallen irrevocably. No attempts at rehabilitation will save him from the verdict pronounced by history. No compromises, no hesitations of any sort in our assessment of him, that is, of the entire science he represented, can now be entertained.... The history of our science is the history of the development of our national and class self-awareness. Everything in our science that has conducted to the forging of this awareness and all our modern social, material and spiritual culture (sometimes in a hard and bloody struggle) is our science. Everything that was in the way of this process is a science alien and inimical to us. Our modern science (I mean mainly folkloristics) lags behind the general upsurge of our socialist construction. I am grieved to admit this fact, but I cannot smooth it over. We lag behind, because, among other things, we have not yet rooted out the old science. Tradition is strong and it drags us down. We often rely not on the works of the great revolutionary democrats, not on the classics of Marxist-Leninist-Stalinist science but on bourgeois scholars. While I was writing and when I finished my latest book *Historical Roots of the Wondertale*, I was happily convinced that I had created a genuine Marxist work, because I explain spiritual phenomena by referring to the social-economic base. But disappointment came soon. My book lacks the chief element, namely,

Com essa resolução, o conselho acadêmico expressou sua satisfação com respostas de arrependimento de estudiosos, incluindo Propp. Além disso, ele foi impiedosamente assediado por ser alemão. Ele não foi deportado, não perdeu o emprego, mas também nunca se recuperou do horror daqueles meses de primavera. A destruição da cultura após a revolução é um assunto impopular na historiografia soviética, e Propp, cuja fama no ocidente o fez uma celebridade em casa, tem sido retratado por seus biógrafos como um homem inclinado a conquistar um ponto após o outro.

Incapaz de utilizar seus conhecimentos morfológicos, pois seria visto como um formalista, e trabalhos em outras línguas, já que da mesma forma seria considerado como um bajulador cosmopolita da cultura estrangeira. Isso reflete a ideia de não apenas russificação, mas o fechamento daquela cultura para o mundo. Assim, Propp concentrou seus esforços nas *bilinas* e lançou seu terceiro grande livro *Russian heroic epic poetry*, em 1955, fruto de dez anos de pesquisa. Contudo, não houve nenhuma menção de fontes ocidentais e dificilmente algo referente ao *Morfologia do conto maravilhoso*.

Ao analisarmos a carta escrita por Propp no ano de 1948, podemos começar pelo aspecto da intervenção, o poder se legitima de acordo com que usa a força, e foi exatamente um dos fatores que coagiu Propp a escrever tal carta. O enunciado materializado na carta permite compreender as condições que possibilitaram o acontecimento em si, por exemplo, quando Propp escreve que “Esse ídolo, o maior deles todos, e, portanto, o mais perigoso, caiu e caiu irrevogavelmente”, fazendo referência a Vesselóvski, temos uma tentativa do uso discursivo verdadeiro (jogos de verdade) pelo autor que entendeu as regras dos jogos de verdades de sua época. Segundo Revel (2005, p. 87):

Foucault chama de "jogos de verdade", isto é, não a descoberta do que é verdadeiro, mas das regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de um certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso. Às vezes, Foucault utiliza igualmente o termo "veridicção" a fim de designar essa emergência de formas que permitem aos discursos, qualificados de verdadeiros em função de certos critérios, articularem-se com um certo domínio de coisas.

---

the people. The question of the people, their ideology and struggle is not as much as posed in it, though Belinskij, Dobroljubov, Gorky, and Lenin insisted just on such an approach. Like the Mythologists, I turn the fairy tale back into the remote prehistorical past. Like the Historical school, I ignore the message and the artistic organism of the fairy tale and treat it as only an archaeological document. I did not look upon myself as a comparativist, but I interpret the Russian fairy tale in light of the creative output of other peoples, that stand at earlier stages of human culture. Hence my critics' imputations of harmful cosmopolitanism, which, indeed, I cannot counter. All the charges brought against me by Comrade Dement'ev are fair. There can be only one conclusion: we should work and work unremittingly. If we once and for all sever ties with the tradition that drag us down, we shall create works worthy of our great epoch.

Embora Propp tenha mostrado no livro *Morfologia do conto maravilhoso* sua admiração e respeito pelo trabalho desenvolvido por Vesselóvski, na carta supracitada, o dito no enunciado é justamente o oposto, fazendo com que a governamentalidade seja, de fato, um dispositivo eficaz, visto que, para Foucault a governamentalidade é “o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si” (FOUCAULT apud REVEL, 2005, p. 55). Nesse enunciado, V. I. Propp renunciou uma parte de seu trabalho devido às estratégias e os efeitos de poder sobre práticas discursivas que eram incompatíveis com a vontade de verdade da época.

Outros trechos da carta mostram o controle do governo sobre o indivíduo, e como o regime disciplinar com suas técnicas consegue atingir o indivíduo manipulando-o mesmo que seja em direção à resistência. Segundo Revel (2005, p. 35), o regime disciplinar para Foucault tem técnicas de coerção que exercem sobre o tempo, o espaço, o movimento dos indivíduos colocando-os alinhados, e cujo foco é atingir aos gestos e aos corpos. Afinal, o governo para conseguir manter os sujeitos dóceis precisa vigiá-los em suas condutas, comportamentos, atitudes a fim de posicioná-los no lugar em que o sujeito seja útil, a ilustrar, Propp diz em algumas passagens que:

Nós ficamos para trás, porque, entre outras coisas, nós ainda não extirpamos a ciência antiga. A tradição é forte e nos arrasta abaixo [...] Mas o desapontamento veio logo. Meu livro falta o elemento principal, isto é, o povo. A questão do povo, sua ideologia e luta não é suficientemente colocada lá, ainda que Belinskji, Dobroljubov, Gorky e Lênin insistissem somente nessa abordagem. [...] por isso, as imputações de cosmopolitismo perigoso dos meus críticos, que, de fato, eu não posso contrariar. Todas as acusações contra mim por Dement'ev são justas (PROPP apud LIBERMAN, 1984, p. xiv-xvi).

Primeiro, faz-se necessário questionar os discursos que se sobrepõem aqui. Quando Propp diz tradição, ele faz referência ao século XVIII, em que os estudos e a vida como um todo eram uma cópia do modelo europeu, mais especificamente da França. Logo, ele contrapõe com o discurso vigente que também é uma contradição da própria época: o povo. Quando a Rússia volta para si, ela precisa de heróis, ela precisa buscar suas raízes. E nas compilações literárias, por exemplo, onde eles encontrariam essas raízes? No povo. O povo passava oralmente as lendas, os mitos, o folclore da cultura. Além disso, a ideologia vigente tinha como base o pensamento marxista, e, novamente, encontramos o elo principal, ou seja, o povo. Entretanto, a maneira pela qual o comunismo foi conduzido naquele país, nos mostra que o povo não era exatamente o foco, a não ser que fosse um povo dócil e que agisse conforme as regras impostas e foi isso que Propp tentou fazer ao escrever uma carta de desculpas.

## Considerações finais

A escolha desse tema para ser trabalhado pelo viés dos conceitos foucaultianos foi motivada pela mesma razão que na década de 60, quando tivemos a primeira tradução em língua inglesa do livro *Morfologia do conto Maravilhoso* de Propp e que causou um alvoroço nos outros países europeus. Aliás, tudo que saía da cortina de ferro parecia chamar muita atenção dos europeus de maneira geral. Entretanto, o que deixou Propp famoso, com certeza, foi sua discussão épica com Lévi-Strauss (2006), que utilizou a obra proppiana para enquadrá-la no Formalismo e questionar seu método, visto que estava em voga o Estruturalismo. Obviamente, os estudiosos não estavam cientes que nas décadas de 30 e 40, o machado caiu sobre as duas obras de Propp, tanto o *Morfologia* quanto as *Raízes*, eles não imaginariam o risco que era ser enquadrado como formalista naquele país.

Como o título deste trabalho sugere, o poder de uma sociedade soberana visa manter seus sujeitos dóceis para colocá-los no lugar onde sejam úteis. Afinal, o poder gera saber, e naquela época, o saber imprescindível era justamente o discurso que poderia ser útil ao governo, a URSS, ou seja, toda produção veiculada a ideologia marxista.

Infelizmente para alguns, e, talvez, felizmente para outros, o autor V. I. Propp teve que ver sua vida acadêmica, sua produção intelectual disciplinadas nos moldes soviéticos. Propp, juntamente com os seus soviéticos contemporâneos, foi coagido. Depois da revolução, tudo o que escreveu entre 1928 e entre os anos sessenta estava invadido pelo marxismo.

Por décadas, a frase “o único caminho” dominou a União Soviética. A oposição *entre nós e eles*, entre a Soviética e a escola Burguesa, ocupou um lugar proeminente no legado proppiano. Essa oposição assumiu muitas formas, por exemplo, Propp várias vezes utilizou citações que o permitiu se sentir a salvo nas mais diversas circunstâncias (LIBERMAN, 1984). Referências a Marx, Engels, Lênin e Stálin estavam em todas grandes obras de Propp, mas depois de 1953 somente algumas permaneceram.

Segundo Liberman (1984), o pensamento de Propp depois de 1928 é cheio de harmonia com os princípios marxistas. As ideias marxistas dele são direcionadas a sua definição de folclore, até antes de 1917 o folclore estava isento de definição já que era um estilo camponês, no entanto, após a revolução isso muda, surge o conceito soviético de folclore, produção de *bilinas* soviéticas, contos de fadas e, para Lênin, essas deveriam se basear nas formas tradicionais conhecidas por muitos como o “fakelore”.

Propp que somente menciona o marxismo no *Morfologia*, “se tornou” um marxista nos anos trinta e como muitos outros acabou entre os ortodoxos agressivos. Depois do *Morfologia*, quase tudo escrito por ele foi devotado a história do folclore, e, por isso é seu ensino histórico que mostra sua mais profunda obrigação com o marxismo. Finalmente, a análise iniciada neste trabalho não está esgotada, e nem tínhamos intenção de esgotá-la, mas chamar atenção para que novos trabalhos aprofundem a questão, e que novas discussões possam surgir, nem que sejam como uma defesa tardia àqueles que foram injustiçados nos terríveis anos que se seguiram a Revolução Russa, em 1917.

## REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. *Segurança, Território, População*. Curso no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. *O Governo de Si e dos Outros*. Curso no Collège de France (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, C. A estrutura e a forma – reflexões sobre uma obra de Vladimir Propp. In: PROPP, V. I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- LIBERMAN, A. Introdução. In: PROPP, V. I. *Theory and history of folklore*. Minneapolis: University of Minneapolis Press, 1984.
- MOREIRA, P. V. *Historiografia-linguística do morfologia do conto maravilhoso de Vladimir Iakovlevich Propp*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Faculdade de Letras – UFG, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4602>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- PANIAGO, M. L. F. S. *Práticas Discursivas de Subjetivação no Contexto Escolar*. Tese de Doutorado. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, 2005. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1894/1/tese.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- PROPP, V. I. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. Trad. Rosemary Costhek Abílio e Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PROPP, V. I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- REIS FILHO, D. A. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: UNESP, 2003.
- REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

**Artigo enviado em fevereiro de 2017.**  
**Artigo aceito em abril de 2017.**